

## O Segredo de Casimiro

Por **Érika Focke**

<http://osegredo.erikafocke.com.br>

### Capítulo I

#### Meu encontro com o Gato Zorro

Eu tenho uma história pra contar. Muita gente se ri quando ouve a minha história – e olhe que foram pouquíssimas as pessoas que ouviram esse caso, em particular - , diz que não acredita, que estou inventando, me faz passar por mentiroso. Por essa razão mesma que eu nunca mais abri minha boca para andar contando minhas coisas. Entretanto, ultimamente esse meu caso não me sai da cabeça. Andei até sonhando de novo. Resolvi abrir o bico, ou melhor, a caneta, pra passar adiante essa conversa, assim quem sabe um pouquinho de mim e da minha história ficam guardados nesse mundão de meu Deus depois que eu me for desta para uma melhor.

Bom, o que posso dizer sobre mim? Tenho que contar primeiro alguma coisa de minha pessoa, para que vossa senhoria possa ter em mente o tipo de gente que sou. Eu tenho pra mim que sou um homem de poucas conversas, mas muitos pensamentos. Sou pai de família, trabalho honestamente pra ganhar meu pão de cada dia, sou respeitado pelos amigos e pela vizinhança. Todo mundo do bairro me conhece. Moro aqui há muitos anos, desde que a maioria das casas não tinha nem reboco. Ah, ia esquecendo de me apresentar, perdoe a indelicadeza; meu nome é Casimiro, mas todo mundo me conhece como “Seu Cacá”.

Lá pelos idos de 1983, já depois da ditadura, a situação da nossa família melhorou e se tranqüilizou mais, pois temos alguns parentes no ramo da música e outros no jornalismo, que foram muito beneficiados com a nova republica. O fato é que, nesse ano, eu, minha mulher e meus três filhos resolvemos tirar umas merecidas férias, em uma cidade no interior daqui de Minas Gerais chamada Guariápolis. É certo que era uma cidade bem pequena e desconhecida, porém tínhamos um amigo por lá que sempre nos convidava, contando das belezas naturais do local. E por ser uma cidade calma de interior, era tudo que precisávamos, principalmente minha esposa, que sofria dos nervos, e ainda estava se recuperando das crises que a ditadura lhe trouxe (o irmão dela, jornalista, foi preso várias vezes por conta das reportagens que fazia). Confesso que eu também não andava muito bem naqueles tempos, minha cabeça estava muito cheia sabe, precisava endireitar as idéias.

Pois então. Nos organizamos pra as tais férias, nessa Guariápolis, já acertados de ficarmos numa casa que encontramos, de bom preço e ótima localização. Era uma casa bem maior que a nossa casa própria, pelo que disse o nosso amigo Guilherme, que foi quem nos intermediou e ajudou com os detalhes para o aluguel da casa. Por causa do preço convidativo, fiquei imaginando que a casa estaria caindo aos pedaços, um dismantelo só. Tanto é que, antes de fecharmos negócio, conversei com Guilherme a respeito.

Daí ele me veio explicar o motivo do preço baixo. Disse que o povo de lá era muito supersticioso, e que se espalhou um boato de que a tal casa era mal-assombrada. Eu, como um homem muito prático, nunca acreditei em tais coisas, por isso disse a ele que iríamos ficar com a casa. Preferi não passar essa conversa pra minha esposa nem pros meus filhos, pra não ter perigo de ficarem impressionados. Sabe como é criança e mulher: vê coisa onde não tem, fantasia.

Chegou o dia da viagem, já estávamos quase todos prontos (todos no carro, menos a minha esposa, é claro, não sei o que é que mulher tem pra se arrumar que demora tanto e sempre se atrasa), e eu já estava no meu lugar ao volante apenas esperando, e divagando em alguns detalhes do caminho a seguir.

De repente, do nada, um gato apareceu, mas ele não simplesmente apareceu, ele pulou no capô do carro fazendo um barulho enorme e assustando todos, inclusive a mim. Pulei no assento com o medo, achei que fosse uma pedra enorme, acho que ele pesava uns sete quilos. Chegou a amassar o capô.

Fiquei indignado, e mais ainda quando o estrupício do gato sentou-se e ficou olhando pra minha cara, de um jeito que parecia até que ele estava me analisando.

Era um gato enorme, peludo, branco e amarelo. Tinha uma mancha preta ao redor dos olhos, que estranhamente fazia parecer que ele estava com uma pequena máscara de Zorro. Essa idéia esdrúxula veio em minha mente no momento, e quando voltei à sanidade, espantei o gato do capô e ele desapareceu no meio das plantas do jardim.

Depois a minha esposa apareceu enfim, e pudemos seguir viagem.

Cerca de quatro horas depois, chegamos à bendita cidade. Encontramos Guilherme em frente ao único hotel que havia por lá, e ele nos guiou à nossa casa. Por sorte, a própria imobiliária responsabilizou-se pela limpeza e organização da casa, e quando chegamos, estava tudo na mais perfeita ordem.

A casa era realmente enorme. Tinha primeiro andar e tudo. O lugar ao redor era muito bonito, cheio de árvores, e havia uma espécie de lago bem perto dali. As crianças adoraram. Minha mulher também.

Pelo que Guilherme tinha falado, sobre a casa ser mal-assombrada, eu havia imaginado uma casa meio escura, sei lá, velha, abandonada. Mesmo sem acreditar nessas coisas, a gente faz uma idéia mental do que leva as pessoas a inventarem uma sandice dessas.

Mas me surpreendi ao encontrar uma casa bem clara, toda pintada em branco e amarelo, bem conservada. Era sim muito antiga a casa, podia-se notar, alguns cômodos também estavam bem gastos, mas as coisas estavam no lugar, e funcionavam. Luz elétrica, encanamento, todas essas coisas.

Os móveis também pareciam bem antigos, mas estavam limpos e cuidados.

Quando entrei no quarto que eu e minha esposa escolhemos para ficar, notei alguma coisa colada na porta pela parte de dentro, fui olhar o que era. Achei muito interessante, um papel velho, com uma espécie de oração, datilografada, para proteger quem estivesse ali da Peste.

Nesse momento me dei conta de que a casa era realmente velha.

No dia seguinte, acordamos cedo para nos encontrarmos com Guilherme, sua esposa e filho, e passamos o dia em uma cachoeira que havia não muito longe dali.

Estávamos nos preparando, fazendo o café da manhã e arrumando as coisas no carro, quando ouvimos um ruído na cozinha, num momento que coincidentemente estávamos todos do lado de fora. Eu e minha esposa corremos para ver do que se tratava, levemente apreensivos mas não preocupados, e quando chegamos junto à mesa, percebi que todos os pratos estavam intactos, menos o meu. Do pedaço de torta de banana que ali estava antes de eu sair rapidamente para levar uma caixa térmica com cervejas até o carro, só restavam migalhas.

Na janela, um gato esperava apenas pela nossa constatação de que havia sido ele próprio o comilão. Talvez para envaidecer-se de ter feito aqueles humanos de tolos. Antes que ele pulasse pela janela, olhou pra mim e pude ver que ele tinha uma mancha preta nos olhos, que me lembrava...

- Zorro!!! O que? Como ele veio parar aqui?!? – Gritei.

- Casimiro! Você está bem?? Que doidice é essa de Zorro? – falou minha mulher.

- É ele eu tenho certeza!!! Ora bolas. Ele só pode ter vindo escondido no carro.

- Que idéia é essa Casimiro?!? Como é que um gato desse tamanho ia se esconder no nosso carro, que veio lotado, sem a gente ver? Você ta caducando é?

- Que é isso mulher, eu to caducando coisa nenhuma! Ta me chamando de doido é?

- Calma, homem! Se acalme, que tem mais torta ali. Vou colocar outro pedaço pra você.

- Ora bolas...

Esse foi o meu segundo encontro com Zorro. Como se pode ver, a minha ligação com ele foi tanta que eu até cheguei a chamar-lhe pelo apelido íntimo.

O dia transcorreu normalmente, e não vi mais nenhum gato. Eu até já teria esquecido completamente o acontecido, não fosse a cara com que a minha mulher me olhava vez ou outra, pra conferir se eu não estava mesmo caducando de vez. E veja como as coisas são, ela tinha viajado para cuidar dos nervos e agora achava que o doente era eu.

Mais um dia chegou, e logo cedinho, não saí da cozinha pra nada. Inclusive, na hora em que o bicho danado apareceu no dia anterior, tentei até me esconder, para o caso dele querer forrar o estômago novamente sem se acanhar com a minha presença. Mas nada dele aparecer. Nem sinal de Zorro. Eu também não pude me esconder na despensa por muito tempo, porque minha mulher ia chegando, e se ela me visse ali escondido, dessa vez ela teria todos os motivos pra me chamar de maluco. De qualquer maneira, nenhum prato de comida foi atacado naquela manhã.

Mais tarde, eu resolvi consertar um vazamento que achei na torneira da cozinha, e fui procurar umas ferramentas no carro. Não achei o que precisava, provavelmente não tinha mesmo levado. Foi quando olhei em redor e percebi que mais pra lá, ainda no terreno da casa, havia uma espécie de celeiro, não muito grande. Por certo devia ser um lugar pra guardar coisas, entulhos, talvez até ferramentas. Quem sabe eu encontrava lá o que estava procurando...

Tudo bem, na verdade eu não acreditei realmente que ali pudesse haver uma caixa com ferramentas ao meu alcance. Mas estava curioso pra ver o que tinha dentro.

A porta estava destrancada, entrei e percebi que o lugar parecia ser maior do que eu tinha imaginado. Tinha algumas estantes velhas, repletas de livros, e umas duas mesas meio empoeiradas, com papéis espalhados. Em uma delas, havia alguma coisa volumosa em cima, que não pude ver direito o que era por conta da falta de iluminação. Talvez uma estátua, ou algo que o valha, para segurar os papéis.

Havia uma lâmpada pendendo do teto, achei o interruptor e a acendi. Qual não foi a minha surpresa, quando percebi que a coisa em cima da mesa de estátua não tinha nada; estava majestosamente deitado por sobre os papéis, ele, o inacreditável Zorro. Não estava dormindo. Estava acordadíssimo, e me fitava com um olhar de desinteresse, como quem diz: “Ah, é você? Pensei que fosse algo mais interessante”.

Fiquei sem reação, mas a curiosidade para ver o que eram aqueles papéis me encorajou a tentar enxotá-lo de cima da mesa. Bati palmas, falei alto, fiz gestos e nada. Ele permanecia impassível. Balançava o rabo vez ou outra, e só.

Acho que não citei antes, mas eu não me dou com gatos. Sempre os tive como animais muito traiçoeiros, prontos a lhe atacar por trás a qualquer momento. Ou pela frente, também. Para eles não fazia muita diferença.

Naquele momento, então, não tive muita coragem de avançar até o gato para afastá-lo da mesa. Continuava curioso, mas tinha paciência, resolvi voltar mais tarde para ver os papéis, com certeza Zorro precisaria sair dali depois de um tempo.

Esperei cerca de duas horas para poder ir ao celeiro novamente. Entrei silenciosamente, e quando acendi a luz, a criatura peluda continuava lá, como se nunca tivesse saído. Se estivesse dormindo, pensaria até que o bicho estava morto. Mas estava acordado me olhando.

Pra resumir a história, eu voltei mais umas duas vezes naquele dia, e a situação era a mesma. Aquele gato parecia até um guardião de não-sei-o-quê. Eu já estava ficando nervoso, a noite chegou e eu não resisti: fui lá pela quinta vez. Tinha virado um desafio, os papéis nem me interessavam mais, eu queria era saber por que diabos aquele gato não saía dali.

Cheguei e acendi a luz, o bicho estava lá. Dessa vez me demorei um pouco, resolvi olhar o restante do celeiro, e deixar aquela mesa e o gato pra lá. Mas era impossível. Eu acabei dirigindo minha palavra para o gato:

- Mas o que danado você faz aí o dia inteiro? Não sai pra comer nem nada? E como é que você veio parar aqui? Não é possível que tenha dois gatos com essa mesma mancha, do mesmo jeitinho.

Zorro continuou me fitando impassível; pensei que poderia realmente estar ficando doido, falando com gato e tudo. Me virei e fui andando na direção da porta, balançando a cabeça. Foi quando ouvi em alto e bom som:

- Pensei que você não fosse falar nunca. Parecia até que era mudo.
- O que... que diabos foi isso? De onde veio isso? Renato você ta escondido aqui? É você, meu filho??? Que brincadeira é essa aqui?
- Além de teimoso, é cego. Onde eu fui amarrar meu burro...
- Ora bolas, quem é que ta fazendo isso? Eu não tou vendo graça nenhuma!!!
- Deixe de ser paspalho. Sou eu mesmo que estou falando.

Claro que a fantasia de que o gato estava falando tinha surgido em minha mente, e eu acreditei ver a boca dele se mexendo, em sincronia com as palavras ditas. Cheguei perto, pronto para desmascarar o que só poderia ser alguma espécie de brinquedo, uma armação qualquer.

Não achei qualquer vestígio de armação e, inclusive, apertei uma pata do gato, peguei na barriga, olhei bem de perto. Parecia bem real. Mas estava falando.

- Você é muito mal-educado. Nem me conhece e já vem pegando, me apertando a barriga. Gatos não gostam desse tipo de coisa.

Eu continuava calado, tentando analisar o que seria aquilo.

- Não vai falar nada, é? Agora pronto... ficou mudo com o susto, foi?  
- Vou falar o quê? Por acaso eu vou me dar a conversar com um gato??  
- Tanta gente faz isso, qual é o problema? Deixe de ser ranzinza. Temos umas coisas supimpas pra conversar.

- Que espécie de gato é você? Por que me persegue?  
- Eu não estou perseguindo você. Foi você que veio atrás de mim. Você estava precisando falar comigo.

- Desde quando eu preciso falar com um gato?!?  
- Desde que você não tem ninguém pra lhe falar sobre as coisas da vida.  
- Mas é de lascar. Um gato vem me dizer que eu tenho que aprender sobre a vida.

- E não? E quem não tem? Já acha que sabe de tudo, por acaso é? Ninguém sabe é de nada.

- Eu vou é pra casa que é o melhor que eu faço! Imagina, ficar conversando sobre a vida com um gato. Xau, senhor Zorro! Passar bem.

- Xau, seu Cacá. Até amanhã. Pense no que lhe falei.

Ouvi as últimas palavras de Zorro quando já estava fechando a porta do celeiro. Fui pra casa dormir.

Mas quem disse que eu conseguia conciliar o sono... E quando consegui, sonhei com gatos, vários deles me perseguindo. Passei a noite assim, desassossegado. Acabou que, no dia seguinte, logo depois do café da manhã, eu já estava no celeiro de novo, para ver Zorro. Levei até alguma coisa para o bicho comer. O acontecido da noite anterior poderia ter sido fruto da minha imaginação, mas o pobre animal estava lá o dia inteiro, deveria estar com fome. Sei lá.

Quando entrei, ele estava lá, no mesmo local.

- Agradecido pela preocupação. Eu estava realmente com fome. Traz essa comida pra cá.

Eu levei a comida, mas o choque de vê-lo falando novamente me atordoou. Eu já estava confortado pela idéia de que tinha delirado na noite anterior. Mas estava acontecendo de novo.

- Não se acanhe. Sente aí, vamos conversar – disse ele, depois de comer o pedaço de sanduíche que levei.

- E-Eu ainda estou me acostumando com isso. Não tem cabimento um negócio desses, um gato falando.

- Tantas coisas na vida não têm cabimento, e ninguém se importa.

- Acho que estou enlouquecendo.

- Você nunca esteve tão são. Seus questionamentos são uma demonstração disso. Eu sei das suas dúvidas, dos seus medos. Das coisas que lhe afligem. Você não é o único, porém a maioria nesse mundo não está nessa situação. E você até sente inveja dos que vivem por viver, que não perturbam a mente com dúvidas e questionamentos.

- Pois sim, tenho pra mim que essas pessoas vivem mais felizes.

- Cada pessoa tem seu tempo. Assim como as crianças, que não viram adultas de repente, e quando ainda são bem pequenas não possuem preocupações, estão sempre brincando e felizes. Porém, elas não possuem discernimento para decisões, têm de ser sempre guiadas por seus pais, não podem se virar sozinhas. Não possuem a liberdade de um adulto.

“E mais tarde, quando as descobertas do mundo começam a ser feitas por essas crianças, começam também a surgir as responsabilidades, os conflitos. Muitos dizem: ah, como gostaria de voltar a ser criança, que bons tempos eram aqueles. Mas se fosse para escolherem, tenho certeza que não queriam realmente voltar àquele tempo, vivenciar tudo novamente, ficar dependentes dos adultos e tudo o mais.

Da mesma maneira parece-me você, desejando ter o mesmo nível de consciência do mundano, de quem vive ao deus-dará, de quem não tem e não busca compreensão das coisas e por isso se revolta com a vida quando algo parece não dar certo, não aceita, e precisa de repetidas lições idênticas, batendo sempre na mesma tecla, para que possam realizar internamente uma mudança de consciência”.

- Eu não sabia que um gato tinha tanto conhecimento das coisas dos homens.

- A minha forma manifestada não interfere na minha consciência do mundo.

- Então você não é um gato.

- E o que te pareço então? Minha forma não é de um gato, por acaso?

- Sim, mas me parece que é só a forma. De gato, além da forma, você não tem nada.

- E você, de homem, além da forma, tem o quê?

- Ora, não sei!

- Sua própria consciência pode alterar a realidade manifestada. E a minha manifestação está intimamente ligada a você. No futuro um novo ramo de estudo da ciência vai te ajudar a compreender isso melhor: A Física Quântica.

- Ah, e enquanto o futuro não chega, vou ficar pensando que inventei tudo isso?

- Quanto mais você se preocupar com a minha forma, menos você vai aproveitar de nossa conversa. No momento em que sua mente se libertar desse conceito, você estará pronto para iniciar o desenvolvimento de um novo estado de consciência.

- Como é que eu vou me acostumar com um danado de um gato falante?

- Se acostumar não é a resposta. Você está acostumado com coisas muito mais estranhas e isso não lhe trouxe nenhum despertar de consciência. Pelo contrário. Fez você dormir ainda mais.

- Mas o que eu devo fazer então? Não estou entendendo nada.

- E nem vai. O problema é exatamente esse, tua postura racional e lógica sobre todas as coisas. Isso está te fazendo perder muitos significados na tua vida. Muitos insights.

Você viajou para tentar se afastar um pouco dos seus questionamentos internos. Pois eu te digo, Casimiro, teu ser interno te trouxe para cá justamente para fazer o contrário:

para te colocar de frente contigo mesmo. Porém, para acalmar tua personalidade, vestiu sobre o real intuito a idéia de que tu terias sossego aqui. E não o terás.

- Mas como? Não vou ter sossego aqui? Que é que você está me dizendo?

- Sua mente não ficará em paz por conta da paz exterior do lugar. E a tua paz interna, só vais conseguir com muito esforço, e uma mudança na forma de ver as coisas.

- Eu não sei por que isso está acontecendo comigo. Eu não queria!

- Nem me diga um negócio desses. Você quer. Quer mudar, dar um novo sentido à sua vida. Não me venha com comentários vitimosos, eu te conheço muito bem. Você tem toda a vontade do mundo de se transformar internamente, mas está faltando uma orientação. E uma aceitação desse fato. Ou você quer continuar vivendo ao deus-dará, sem objetivos, sem buscar sentido na vida?

- Eu... não sei. Tudo isso me parece muito repentino. Eu estava sim, meio ensimesmado, pensativo ultimamente. Muita coisa não me agrada nesse mundo. E muita coisa parece sem resposta. Eu queria entender mais das coisas do mundo que a gente não consegue enxergar. Eu sei que elas existem. Mas não sei como chegar até elas.

- Ótimo, muito bom. Você deu o primeiro passo. Descobriu sua inquietação e aceitou que existem coisas além do mundo tal qual você o conhece. Isso é muito importante na trajetória de um homem. Agora você precisa ser orientado.

“A sua primeira lição já foi dada: nunca se apegue à forma. A forma, matéria, é ilusória e passageira, efêmera. Os homens vivem apegados demais à matéria, como aquelas criaturas que viviam dentro de uma caverna, e só enxergavam as sombras projetadas na parede. Eles tomavam as sombras como se fossem a própria realidade, quando estavam na verdade de costas para ela, enxergando as ilusões produzidas por uma fogueira. Isso nos contava Platão há séculos atrás, e já naquele tempo, o homem era desorientado. Agora trate você de tirar o máximo que puder desse ensinamento, porque haverá muitos outros pela frente. Esse é apenas o primeiro”.

Após dizer isso, Zorro calou-se e não falou mais. Esperei que ele falasse mais alguma coisa, indaguei, perguntei coisas e ele apenas me olhava como um gato qualquer. Enrodilhou-se e fechou os olhos para dormir.

Eu compreendi que ele não falaria mais naquele momento. Deixei-o sozinho e voltei para casa, pensando muito em todas as coisas que ele me falou.

No dia seguinte, voltei ao celeiro para encontra-lo, e ele não estava lá. Procurei-o por toda parte, e nem sinal de Zorro. Foi assim em todos os dias que se seguiram naquela quinzena de férias.

Já no derradeiro dia, quando estávamos prontos para voltarmos para casa em Belo Horizonte, eu ouvi um ruído por detrás de umas plantas. Fui olhar o que era, com esperança de revê-lo. E era ele. Estava sentado e me olhou. Disse:

- Boa Viagem. Nós nos veremos em breve.

E, dizendo isso, correu para dentro dos matos.